CRÍTICA DE FUNDAMENTOS NA LINGÜÍSTICA MODERNA

Florival Seraine

Nenhum estudioso dos problemas da linguagem ignora que o estruturalismo ortodoxo, segundo Bloomfield, Harris e outros, dominou durante certo tempo o cenário da Lingüística, no século atual.

Em sua tendência mecanicista, antimentalista, foram arrastados alguns especialistas a um desprezo absoluto pelos interesses semânticos, ao mesmo tempo que demonstravam verdadeira subestimação ao polimorfismo lingüístico, negando-se, assim, a reconhecer validade científica nos estudos históricos e dialetológicos ou sócio-dialetológicos que, antes de tudo, se contrapõem aos seus critérios de homogeneidade ou uniformidade da língua como base da investigação.

O propósito essencial dos adeptos da corrente estruturalista era construir uma ciência cujo objeto seja a linguagem em si mesma, excluída de todos os fatores extralingüísticos, para usar uma expressão que lhes é cara.

Não é possível também ignorar-se que Noam Chomsky, famoso lingüista norte-americano, veio em seguida com a sua *gramática gerativo-transformacional,* que, fundamentalmente, procura opor-se ao antimentalismo estruturalista e vem, nos últimos decênios, absorvendo as atenções dos investigadores com as suas idéias sempre em evolução, dentro do plano teórico das estruturas profunda e superficial.

Longe de nós tentar obscurecer a ponderável contribuição que o estruturalismo veio trazer ao progresso das idéias lingüísticas, mormente se atentarmos para o conteúdo das suas obras, não só de especialistas norte-americanos, entre eles K. Pike, com a sua *tagmêmica,* assim como daqueles, a exemplo de Hjelmslev, Trubetzkoy, R. Jakobson, A. Martinet, o primeiro do Círculo de Copenhague e os dois seguintes do

Círculo de Praga. Devem-se a estes o advento da *fonologia* e do enfoque não apenas sincrônico, mas também diacrônico dos problemas; e ao último, o reputado mestre francês, atuante em Paris, concepções funcionalistas, hoje com larga cópia de prosélitos. (1)

Sobretudo, não há como negar que os seus métodos e técnicas de trabalho ainda conservam o devido lugar nas investigações lingüísticas.

Erguemo-nos, todavia, é contra o exclusivismo que se pretende atribuir à sua pertinência científica e à aplicação inadequada dos seus métodos e princípios.

Por último, as coisas parecem haver mudado um tanto de feição nos núcleos de interessados pelos problemas da linguagem, com o surgimento, há pouco mais de dez anos — conforme observou Dell Hymes, — da Sociolingüística, bem assim o da Psicolingüística, como disciplinas diferenciadas. Mas a verdade é que não poucos estudiosos das mesmas insistem em aplicar nas suas investigações métodos filiados ao estruturalismo e, particularmente, às orientações chomskyanas.

Seria, pois, interessante buscar-se esclarecer se após uma crítica de fundamentos, uma crítica de diretrizes epistemológicas, ficaríamos obrigados — os interessados em Etnolingüística, por exemplo, — a seguir aludidas orientações no plano da investigação ou, caso contrário, deveremos tentar novos rumos metodológicos, depois de termos encontrado bases para justificá-las teoreticamente.

Antes desse enfoque específico, julgamos conveniente trazer à baila as opiniões de três afamados lingüistas modernos, cujas objeções e contestações, formuladas contra princípios gerais do estruturalismo do chomskysmo, possuem, decerto, alicerces teóricos apreciáveis.

Destacamos, entre outros, três autores, de orientações teóricas e nacionalidades diferentes, que, apesar da voga conquistada por aquelas correntes, expenderam críticas aceradas às mesmas, não raro, procedendo a legítima crítica de fundamentos. São eles: o russo V. Volochinov, o francês G. Mounin e o romeno E. Coseriu, hoje um nome internacional.

O primeiro é o único dos três que não citaremos diretamente da próprio obra, aqui enfocada. Intitula-se a mesma *Marxisin and the philosophy of langage,* em sua tradução do russo para o inglês. (2)

Merece-nos atenção especial a incisiva e aguda crítica lançada aí contra os princípios fundamentais do estrutura-

lismo, a partir de conceitos básicos expostos no *Cours de Linguistique Générale*, de Ferdinand de Saussure.

Buscando examinar a questão em nível epistemológico, o lingüista russo enfoca a definição do objeto língua como sistema sincrônico, isto é, a consideração estruturalista da Lingüística como "teoria descritiva", tendo por objetivo o estudo da *langue*, como sistema sincrônico. A *langue* saussureana apreendida em determinado *estado de língua* seria o único aspecto da linguagem a merecer a atenção dos especialistas, com afastamento da *parole* ou *fala*, da órbita das cogitações científicas.

Trata Volochinov de determinar qual o "nível de pertinência" dessa noção, o "ponto de vista" a que ela corresponde e conclui: "Essa noção não corresponde a um ponto de vista *objetivo* ou *científico*, sobre a língua; quando se adota esse ponto de vista, no sentido em que se trata aqui de um ponto de vista que domina o objeto, o que se verifica é a gênese sem fim das regras lingüísticas que se impõe ao observador. Sendo negado o valor científico (objetivo) da noção do sistema sincrônico, essa noção será pertinente a outro nível? Tratar-se-á do modo como o locutor considera a linguagem. da imagem que dela tem, em suma, da sua ideologia lingüística? Se assim fosse, tratar-se-ia de uma "relação objetiva": para empregar uma terminologia mais moderna, esse conceito de sincronia, observada na consciência do sujeito, constituiria uma noção importante para a descrição da ideologia, para além de qualquer consideração sobre o valor da verdade de tal noção."

Mostra o autor soviético que os estruturalistas, isto é, aqueles que — a seu ver — se acham ligados ao "objetivismo abstrato", desde as lições recebidas no *Cours* e nos manuscritos saussureanos, vêm incorrendo nesta ambigüidade: "a língua está depositada dentro do corpo social, mas em gramática o método é considerar como real o que a consciência da língua ratifica". E logo em seguida interroga: "Mas a noção de sistema sincrônico corresponderá efetivamente ao ponto de vista do locutor nativo a respeito da sua língua? Refletirá ela o seu sentir em face das diversas manifestações lingüísticas nas quais ele se encontra envolvido, no 'que está presente à sua consciência' (como diria Saussure)? A noção de sistema sincrônico — explica — tem como corolário que as diversas unidades que constituem a estrutura do sistema são apreendidas como idênticas a elas próprias nos seus diferentes empregos, e que a cada instante o termo *cavalo* se encontra definido na língua pelas relações paradigmáticas

e sintagmáticas que ele mantém com outras unidades." Volochinov pensa que não é nada disso; que, pelo contrário, para o locutor-auditor "o centro de gravidade da linguagem não reside (...) na identidade da unidade, mas na significação concreta e nova que ela adquire num contexto particular". Assimilando a um reconhecimento a percepção da unidade em qualquer contexto, *a lingüística estrutural transforma o signo em sinal* (o sinal é definido como sempre produtor do mesmo efeito, e é assimilável a um meio de produção). São expressões do lingüista soviético: "O que é importante para o locutor-auditor, a propósito de uma forma lingüística, não é o fato de ela ser um sinal estável e sempre equivalente a si mesmo, mas o fato de ser um *signo,* sempre mutável e adaptável ... O fator constitutivo da forma lingüística não é, pois, a sua identidade a si mesma como *sinal,* mas a sua variabilidade específica." Assim, do ponto de vista do locutor-auditor no processo de realização prática da linguagem, esta é "inseparável do seu conteúdo ideológico ou do seu valor como comportamento; se, por abstração, suprimirmos este, "reificamos" a forma lingüística... e não teremos então mais do que um sinal".

Observam, a propósito, Marcellesi e Gardin: "Note-se que não é a operação de abstração o que aqui está em causa, mas a idealização, que esvaziando o objeto concreto de sua especificidade, do seu processo de produção, conduz a uma "reificação" da língua". (3) Em sua violenta crítica ao que ele chama "objetivismo abstrato", nega Volochinov valor científico ao estruturalismo, isto é, correspondência do mesmo a um saber sobre a língua. Observa em seguida que a lingüística de Bloomfield e seguidores não cortou o cordão umbilical que a prende à Filologia, o que, à primeira vista, parece um paradoxo. Esse cordão — não vacila em afirmar — é a própria noção de sistema sincrônico, que os comentadores concordam geralmente em reconhecer como parte integrante do arsenal de conceitos constitutivos do corte saussureano, isto é, da rotura com a Filologia. Qual é realmente a prática do filólogo? Ele estuda textos *escritos,* numa língua *estranha, morta,* e considera cada um desses textos em si mesmo, não dispondo geralmente das informações que lhe permitiriam constituir — como se diria hoje — esses textos em discurso."

Considerando que, em realidade, o filólogo trata esses textos como se estivessem escritos por ele próprio, concebidos como "expressões monológicas pretéritas", opina que nesse trabalho o *signo* lingüístico passa a ser *sinal.*

Basta efetivamente — adianta ele — pensar na prática do lingüista como descritor de um estado de língua (de uma sincronia), a partir de um *corpus* completo, para evidenciar a similitude das práticas referidas. Acentua, porém, que se essa prática é legítima para o filólogo porquanto foi a própria história que reduziu os textos a não serem mais que "expressões monológicas", e trata-se, no caso, de "reconstituir" uma língua morta; "ela já não o é para o lingüista, porque é ele próprio que hoje reduz os seus dados ao estado de "expressões monológicas" (pela constituição de *corpus* de frases separadas das suas condições de produção) e trata uma língua viva como uma língua morta". Considerando ainda que os imperativos pedagógicos — e do discurso pedagógico — não deixam talvez de produzir efeito sobre a elaboração das noções científicas, deduz que a lingüística teórica unificante, isto é, que considera o seu objeto como homogêneo, teria origem na prática pedagógica, domínio em que a unificação do objeto é legitimamente fundada. Nessa ordem de cogitações, "a noção saussureana de sistema sincrônico seria, pois, paradoxalmente, uma noção ideológica, reflexo da continuidade prática entre Lingüística e Filologia".

Segundo Marcellesi e Gardin pode-se esquematizar assim a impugnação de Volochinov: "1) A prática dos lingüistas não se alterou na passagem da Filologia à Lingüística; 2) A noção de sistema sincrônico que a Lingüística moderna elaborou não é mais que uma teorização dessa prática. Ela tem, portanto, um interesse essencial do ângulo epistemológico: explicita os princípios subjacentes a essa atividade, mas representa ao mesmo tempo um verdadeiro artefacto; 3) Essa noção não constitui um elemento de saber novo sobre a linguagem, mas unicamente sobre a atividade do lingüista." (4)

* * *

Passemos agora a um breve exame da Sociolingüística em face dos princípios que norteiam a tão estimada *gramática gerativo-transformacional.*

Em síntese, diremos — seguindo, aliás, a exposição de Marcellesi e Gardin — que esta gramática define uma teoria capaz de estudar a atividade do sujeito falante, a sua capacidade de emitir e compreender frases inéditas, e ainda de formular juízos de gramaticalidade.

De acordo com esse prisma, a primeira missão atribuída às gramáticas gerativas consiste em oferecer um modelo da *competência* do sujeito definido como o locutor ideal da língua, isto é, o sistema de regras interiorizado pelo sujeito fa-

lante. Este sistema de regras, que se formou durante a aprendizagem pela confrontação das estruturas inatas universais da criança com as frases realmente pronunciadas em torno dela, constitui a gramática da língua. "A utilização particular que cada sujeito falante realiza, da língua em uma situação de comunicação, em dado momento, depende do 'nível' (*performance*) do locutor. O 'nível' não se constitui apenas pela utilização do saber lingüístico, mas depende de fatores psicológicos (memorização, atenção, motivação) ou sócio-culturais (integração num grupo social, modo de ensino...). Embora o 'nível' integre a competência, trata-se de dois modelos diferentes." (5)

O objeto da Lingüística é o estabelecimento do *modelo da competência.*

Esta apresentação rápida da gramática gerativa permite definir as suas relacões com a lingüística social:

— O "sujeito da lingüística" é o sujeito cartesiano, lógico, universal.

— Os fatores sócio-culturais dependem do "nível" e não são, tanto (embora sejam referidos ocasionalmente), objeto da Lingüística; o estudo da *competência* é que é prioritário, tanto no tempo como na teoria: os fatores sócio-culturais não fazem mais do que fornecer variantes a uma estrutura constituída de regras. (6)

Uma das críticas mais apreciáveis, não só à personalidade, como aos princípios teóricos que esposa Noam Chomsky, no âmbito conceptivo da sua gramática gerativo-transformacional, é, sem dúvida, a que formula Gerges Mounin em sua conhecida obra *La Linguistique du XXe Siècle.* (7)

A parte mais significativa da análise intentada pelo lingüista francês parece-nos aquela em que considera "indispensável e prévia uma avaliação da *epistemologia* chomskyana".

Reconhecendo a importância epistemológica que possuem os conceitos de *descrição* e *explicação*, os quais servem para opor ciência baconiana e ciência kepleriana, declara que nunca se acham explicitamente definidos de maneira unívoca, como o deveriam estar, termos primeiros em uma construção técnica do tipo chomskyano.

Chga a escrever que, "de maneira geral, tem-se a impressão de que a atitude chomskyana, diante dos critérios de validade de uma teoria, é ilógica e confusa".

Afirma, assim, que o autor da *Syntactic Structures* tem procurado misturar prematuramente a elaboração de um método hipotético-dedutivo e a interpretação psicológica, filosófica e até metafísica deste modelo, antes de que sua cons-

trução esteja bastante adiantada para que sua validade seja amplamente comprovada. Destarte, opina que o caráter polêmico e de divulgação de suas obras essenciais, assim como sua apresentação não formal têm desviado seu esforço e disperso seus resultados.

Mounin não hesita em afirmações como a de que "Chomsky escreve com negligência, diga-se até: escreve mal; é ambíguo, define pouco, varia de um lugar a outro". (8)

É digna de nota a observação irônica que realiza do fato de numerosos chomskyanos, sobretudo gramáticos e pedagogos, acreditarem que a representação de uma oração por uma "árvore" é uma prova da validade da análise sintática desta oração, confundindo assim três cousas: o valor pedagógico da *visualização*, mediante a árvore, da análise (que lhes permite crer freqüentemente que revolucionaram e destroem a gramática tradicional, quando em realidade a salvam, vestindo-a à moda); o valor pedagógico também de visualização das "árvores" para fazerem tomar consciência de que uma oração é ambígua por ter duas análises, isto é, duas estruturas diferentes possíveis; e o valor propriamente dito das "árvores", que não é explicativo e sim puramente representacional: para construir uma "árvore" tem-se que haver realizado antes a análise que materializa". (9)

O intento chomskyano de construir um modelo formalizado das línguas naturais, a sua pretensão de matematicamente elaborar modelos hipotético-dedutivos, epistemologicamente é incipiente.

"Muitos leitores chomskyanos, inclusive lingüistas, têm confundido freqüentemente estes dois sentidos (o matemático, da formalização propriamente dito e o da hipótese a verificar). Têm adotado como exemplo o inatismo, os universais, a competência, a criatividade, a gramaticalidade, inclusive o conceito de transformação propriamente chomskyano, como componentes do seu modelo lingüístico teórico, hipotético-dedutivo no sentido dos matemáticos, quando em realidade não é nada disso. O que se regista é um corpo de hipóteses, no sentido corrente, não formalizado, do termo." (10)

A verdade é que as objeções de Mounin possuem cabimento, máxime nas suas críticas às pretensões matemáticas, formalizantes da doutrina chomskyana, que o seu autor, em última análise, não chega a realizar coerente e integralmente, porque como bem afirmam os lingüistas soviéticos Andreev e Zinder: "sendo a língua muito diferente de um código,

qualquer modelo matemático não pode apresentar *mais do que uma parte* de sua essência". (11)

Por fim, torna-se Mounin mais agressivo e contundente, em suas apreciações sobre a obra chomskyana, aliás, não sem visos de razão, quando reprova "o caráter episódico, esporádico, inorgânico e atomizado dos seus exemplos, o conjunto dos quais — a seu ver —, reunidos, não constitui um princípio de construção metódica e coerente, nem sequer do inglês". (12)

O mesmo tom opositivo se observa em relação à própria configuração mental do seu criticado, traduzindo-se nestas expressões: "Alguém perguntará, às vezes, se Chomsky, investigador prodigiosamente dotado, não terá sido profundamente condicionado pelo método americano de investigação, competitivo, agressivo e amiúde tendente para o espetacular a curto prazo." (13)

A crítica de fundamentos epistemológicos que Mounin pretende fazer, em seu trabalho — adverte ele próprio — abrange uma análise, não exaustiva, pelo que diz o lingüista norte-americano, dos conceitos de ciência, teoria, descrição, explicação, representação, modelo e formalização, assim como dos critérios de sua teoria. Parte do conceito de *ciência*, que — a seu ver —, "no marco do pensamento chomskyano, foi bem definido por Emmon Bach sob a forma de uma oposição entre ciência baconiana e ciência kepleriana". A primeira alicerça-se na observação e na experiência, seu método é indutivo. É hostil às pressuposições; desconfia das hipóteses e teorias. É descritiva, nunca explicativa. É incapaz de chegar ao universal. No tocante à ciência kepleriana, é a antítese da outra; interessa-se mais por hipóteses do que pelos fatos, pelas teorias antes que pelas comprovações. Pretende Chomsky circunscrever a sua teoria no marco desta última, "com uma preeminência concedida ao momento da hipótese, da teorização, da formalização". Mounin critica-a expressamente, assinalando que essa oposição Bacon-Kepler não é histórica e nem se acha justificada epistemologicamente, considerando-a antidialética, enquanto nega o vaivém entre os fatos e as hipóteses, para construir uma simetria falsa entre acumulação de fatos em um pólo (afinal de contas histórico) e de teorias no outro. (14)

* * *

Outro eminente lingüista de nossa época, Eugênio Coseriu, de nacionalidade romena, hoje professor na Universidade alemã de Tübingen, não esconde também as suas oposições à doutrina chomskyana, olhada do ângulo epistemológico.

Embora tenha sido acoimado da pretensão de se julgar um precursor da aludida concepção da linguagem, revolta-se contra essa maliciosa insinuação, com que buscam feri-lo alguns de seus adversários.

A propósito observa ele, em sua recente obra *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*: "As coincidências nos princípios e nas intenções não implicam, contudo, que eu esteja de acordo com a ciência transformacional. Ao contrário: considero essa técnica não adequada e como uma nova forma de paralisação arbitrária da experiência lingüística concreta. 'Não adequado', como no caso de outros modelos abstratos e dogmatizados, significa, naturalmente, 'só parcialmente adequado'. E mais adiante: '... minha oposição a Chomsky e ao chomskysmo é, precisamente, de caráter epistemológico e está fundada em uma epistemologia muito séria, da qual não tem ele, ao que parece, a menor notícia. Declaro expressamente que nunca me ocorreu considerar-me precursor do transformacionalismo; entre outras cousas, porque se o fosse, isso não seria para mim título algum de glória, senão totalmente o contrário. As coincidências que assinalo no texto possuem outro sentido: devem-se ao antipositivismo, pelo menos formal, de Chomsky em alguns princípios (ainda que não também na aplicação dos mesmos). Em compensação, o fato de que esses princípios seguros permanecem, nos transformacionalistas, sem desenvolvimento profícuo, não inserem em uma teoria coerente e não levam a nada positivo nem sequer à compreensão efetiva do que eles mesmos fazem), deve-se a que, no fundo, Chomsky e seus sequazes ficam, apesar de tudo, ancorados no positivismo: é o que sucede aos positivistas, quando, nas ciências humanas, querem zombar do idealismo." (15)

Mas onde se exerce a aguda penetração crítica do autor de *Sistema, Norma y Habla* e de *Sincronia, Diacronia e História* é quando enfrenta a "badalada", se assim podemos dizer, *Semântica Gerativa*, de que Katz e Fodor são os representantes mais categorizados.

Em sua obra *Princípios de Semântica Estrutural* (16) não se detém na individualidade de Chomsky, que não cita uma só vez, mas em seus seguidores, cuja "semântica" critica vigorosamente, não vacilando mesmo em afirmar que, ao contrário do que apregoam lingüistas (e sobretudo não-lingüistas), tal semântica não é revolucionária, a não ser com respeito ao bloomfieldismo (e só porque fala do significado), não constituindo revolução alguma em Semântica, desde que não concerne mesmo à estrutura no plano do significado.

Para Coseriu na semântica estrutural de Katz e Fodor trata-se, em realidade, não da estrutura do significado, mas de estrutura da interpretação, que se representa sob a forma de dependências, da mesma forma como — na técnica transformacional — se representa a estrutura sintática. (17)

"Não sendo senão estrutura da interpretação — escreve ele — a 'estrutura' estabelecida por essa semântica não corresponde à realidade das relações de significação como tais." (18) Reconhecendo embora não ser errônea essa semântica, considera-a, porém, inteiramente inútil no que concerne à descrição das estruturas e das oposições semânticas, pois em verdade supõe essas estruturas como já conhecidas e as emprega na identificação. Demonstra em seguida como essa pretensa "semântica estrutural falha ao que enuncia ou se propõe, não passando, em rigor, de um aspecto da prática lexicográfica, uma forma particular do enfoque semasiológico, que, por partir do significado, não pode coincidir com a definição lexicográfica propriamente dita (dos significados)". (19)

Considerando perniciosa a influência de Chomsky, em nossa época, compara-o a Scheleicher, pois, se Chomsky tem os Katz e Fodor, Postal e Less, aquele, em seu tempo, teve os seguidores que se chamaram Max Müller, Hovelacque e Pezzi, necessitando a Lingüística de todo um século para libertar-se de várias teses arbitrárias de Schleicher. (20)

* * *

Passamos agora a certas considerações, que julgamos básicas, antes de qualquer apreciação crítica dos fundamentos epistemológicos que assinalam princípios e orientações em debate.

Como um esclarecimento prévio diremos seguir, neste trabalho, a definição que de *epistemologia* apresenta A. Lalande, em seu *Vocabulaire de Philosophie,* e as judiciosas considerações que, a propósito do Tema, formula H-J. Barraud, em seu livro *Science et Philosophie.* (21)

Partiremos então de uma busca de respostas às indagações que se seguem: 1) a que tipo de ciência concernem fundamentalmente os estudos lingüísticos? 2) sua esfera de ação deverá caber estritamente na definição desse tipo científico? 3) em que classe de objetos podemos situar logicamente os objetos primeiros da investigação lingüística?

Uma classificação tradicional (que nem por isso julgamos despicienda) das disciplinas científicas, tomando em consideração o "objeto" do pensamento científico, divide-as

em *ciências formais* e *ciências reais*. As primeiras constituem o conjunto das ciências matemáticas ou lógico-matemáticas, e as segundas, o conjunto das ciências de fatos. As ciências matemáticas consideram-se, tradicionalmente, por seus métodos, como dedutivo-racionais; as de fatos, como indutivo-empíricas.

Considere-se ainda que se os conceitos se formam por meio de juízos, os conceitos científicos obviamente se formarão mediante juízos científicos; como também, que toda conceituação científica parte de uma investigação sistematicamente organizada daqueles objetos que pertencem à sua esfera de interesse cognitivo.

O pensador norte-americano F. S. C. Northrop, examinando a semântica de Korzybski, observa que, para compreendê-la e vários outros problemas científicos modernos, mister se faz distinguir um *conceito por intuição* de seu correlato *conceito por postulação*. Traz à baila um exemplo que, a propósito, analisa, em certo trecho de sua obra *Man, Nature and God*. (22) Diz ele aí que o problema requer uma classificação do tipo de significado conceitual que surge em Física matemática, tanto como do que está presente nas mais puramente indutivas ciências históricas naturais, na pintura impressionística e, em alto grau, na experiência *common sense*.

Esclarece em seguida que "uma palavra é um *conceito por intuição* se seu significado integral deriva de alguma cousa que pode ser apreendida imediatamente de modo indutivo". Um *conceito por postulação* é considerado "um conceito cujo significado, no todo ou em parte, é proposto para ele *imagelessly* e sintaticamente pelos postulados, axiomaticamente construídos, de uma teoria específica, dedutivamente formulada". Mas adiante conceitua: "Para compreender um objeto científico que é um conceito por postulação em Física matemática, dedutivamente formulado, devemo-nos concentrar não sobre o objeto, mas sobre as propriedades formais das relações em que é um termo. Portanto, apreender o significado de entidades que são designadas por 'conceitos por postulação', é da essência do que se deve pensar *relacionalmente, imagelessly*, e, destarte, pelos meios do intelecto, antes que as imagens dos sentidos ou a imaginação nutrida *sensuously*." (23)

Termina o prof. Northrop por tratar do que denomina "correlações epistêmicas", presentes no próprio método da Física matemática, as quais reúnem os dois universos do discurso, diferentes semântica e epistemologicamente, dado que

o método da Física matemática, hipotético-dedutivo, nos dá meramente um "mundo possível; não designa uma teoria do 'mundo atual', indireta e experimentalmente confirmada". (24)

Nas ciências do real, que lidam com objetos reais, ciências de fatos, captáveis pela percepção sensível, e existentes no tempo e no espaço — como bem resumiu L. Rougier — "o sentido empírico das proposições possui como condição necessária sua possibilidade lógica e como condição suficiente sua verificabilidade". "Deve-se distinguir — esclarece esse autor — uma dupla significação e um duplo sentido, segundo que um signo ou uma palavra, uma fórmula ou uma frase, pertence a um sistema formal, como é o caso das ciências lógico-matemáticas, que apenas reclamam coerência do pensamento consigo próprio; ou uma ciência do real, que implica a correspondência do pensamento com um dado prévio." (25) Em outro passo de sua obra *La Métaphysique et le Langage* determina suficientemente: "A significação empírica de uma palavra é fixada pelas *regras de correspondência*, também denominadas regras de interpretação ou *regras semânticas*, que permitem utilizá-la para simbolizar um objeto, um acontecimento, um comportamento, uma situação, um dado imediatamente vivido." (26) Diversamente ocorre com uma palavra, uma fórmula ou uma frase, pertencente a um sistema formal, como é o caso das ciências lógico-matemáticas, que apenas reclamam ou exigem a coerência do pensamento consigo próprio.

Os *objetos reais* são os que nos dão na experiência sensível, na percepção externa ou na íntima, compreendendo os *objetos físicos*, que, além de existir no tempo, acham-se no espaço; e os *objetos psíquicos* que se acham no tempo, porém não no espaço, embora se possa acrescentar que possuem eles uma referência espacial indireta, dado que todo fato de consciência pertence a um sujeito consciente, que, apesar de não ser espacial, nessa condição peculiar, acha-se adstrito a um corpo. Essa é uma lição da Lógica tradicional que jamais se poderá obscurecer. A linguagem humana, sem dúvida alguma, se acha incorporada a essa classe de objetos.

Para estudá-la cientificamente teremos de enfocá-la a partir dessa noção fundamental, numa perspectiva empírica dos problemas, e não empregando os métodos hipotético-dedutivos, as formulações *a priori* que se aplicam ajustadamente nos axiomas e postulados da Matemática e da Lógica.

Consoante o juízo de E. Coseriu, ainda que se atinja o plano das abstrações no estudo da linguagem, é preciso sem-

pre conservar a relação com o falar concreto, com a substância fônica da linguagem, presente de algum modo até nas funções mais imediatamente formais, como as sintáticas. Nesse sentido, considera que na abstração hjelmsleviana, a que denomina de *esquema* (em que se ficaria com as funções puras, relações algébricas de "quantidades vazias"), nessa sincronia pura e integral, seríamos levados completamente fora da história e, com isso, fora do campo da linguagem (e da Lingüística), transformando nossa investigação em estudo de uma "forma interior" lógica antes que glotológica. Evidentemente, em ciência da linguagem, impossível é ignorar tanto a substância fônica, como a relação entre os signos lingüísticos e as cousas designadas. (27)

Observe-se, contudo, que o emprego de métodos quantitativos de modo algum poderá ser negado em determinadas fases ou momentos da investigação, nem mesmo com respeito às ciências ditas do espírito ou da cultura. As técnicas de Estatísticas, os processos da computação eletrônica e da automatização em geral, os próprios esforços no sentido de "formalizar" elementos da linguagem científica, em busca de maior precisão e objetividade, são hoje julgados de grande utilidade no domínio técnico propriamente dito. Não é a isso que nos queremos referir em nossas considerações opositivas.

As deficiências ou irregularidades, até mesmo erros lógicos apontados, especialmente por Gerges Mounin na metodologia chomskyana, refletem a insegurança nos lineamentos epistemológicos, registável, sobretudo, quando se procura aplicar, sempre e desde o início, isto é, como diretriz essencial, métodos peculiares a determinado tipo de ciências, às quais eles se ajustam perfeita e fundamentalmente, a outras, que, pela índole mesmo do seu objeto de conhecimento, nunca as poderão aceitar, a não ser como elementos accessórios, sob o aspecto de técnicas auxiliares da investigação.

Em realidade, as abstrações metodológicas são indispensáveis à marcha do pensamento científico, sem elas — como acentua ainda o autor romeno — não subsistem "possibilidades de comprovar verdades gerais e princípios constantes na multiplicidade e heterogeneidade do fenomênico, isto é, de comprovar no material da linguagem aqueles aspectos ideais ou formais que constituem o verdadeiro objeto da Lingüística como ciência da cultura. Portanto, na Lingüística (como em outros campos), os efetivos erros não os implica a abstração em si, que é operação científica indispensável, senão o considerar as abstrações como realidade concreta ou independentes e separadas dos fatos concretos; o tratar de aplicar à

linguagem moldes exteriores não deduzidos de sua realidade concretamente comprovada (como ocorre em muitas 'filosofias da linguagem' e na gramática geral de tendência logicista)". "Sobre a base do mesmo falar concreto, única realidade investigável da linguagem"... — escreve ainda Coseriu (28) — deverá exercer-se a investigação, que mesmo passando, em fases posteriores, ao domínio das abstrações e das formulações teóricas, terá, por fim, que voltar a essa realidade empírica para a comprovação dos seus resultados. Destarte, os enunciados *a priori,* os axiomas básicos na Lógica e na Matemática Pura jamais chegariam a satisfazer todos às exigências contidas nos métodos peculiares às ciências do real.

Se a crítica de fundamentos se torna indispensável previamente à orientação metodológica geral das correntes lingüísticas aqui abordadas, não deverá ela, contudo, esquecer alguns princípios básicos a aspectos particulares de relevo nas respectivas doutrinas, como os conceitos de *inatismo* e de *gramaticalidade* (no chomskysmo) e outros, em que se observa incidir o interesse científico sobre um único tipo de linguagem, aquele que — segundo Northrop — corresponde ao pensamento gramatical aristotélico e da lingüística ariana, cujos alicerces se encontram na relação *two-termed* de predicação. (29)

Com esta breve alocução, não intentamos — é claro — eliminar a noção de *estrutura* do âmbito da investigação lingüística, pois ela participa da própria natureza da linguagem humana. Apenas erguemo-nos — é bom reiterar — contra a subestimação, procedente de núcleos estruturalistas, aos outros aspectos essenciais no estudo da linguagem como os de ordem sócio-psico-cultural e histórica. Manifestamo-nos contra as suas pretensões de exclusivismo ou de prioridade como trabalho verdadeiramente científico, em relação às demais orientações em Lingüística.

Felizmente, no campo de uma disciplina, hoje em voga, como a Sociolingüística, que, em seus inícios, se preocupava — à maneira de Labov e outros —, essencialmente, com as relações possíveis entre as *estruturas lingüísticas* e as *estruturas sociais,* já surgem autores como Dell Hymes, que não vacila em incluir, entre os temas da Sociolingüística ou "Lingüística constituída socialmente", o enfoque da "teoria e da metodologia como envolvendo questões de funções (*not just of structures*), e das linguagens" como resultado do seu próprio uso (não meros dados da natureza humana). (30)

De nossa parte, vimo-nos esforçando, em nossos últimos trabalhos, em tratar a linguagem dentro de um ponto de vista com esse caráter funcional, examinando-a em suas relações com os diferentes contextos sócio-culturais em que ela surge, em sua realidade concreta e viva, e como reflexo desse sentimento peculiar ao homem, "animal social", que se manifesta no ato da comunicação. Ponto de vista que, afinal de contas, não deverá ser puramente *funcional,* mas *teleofuncional* — para usar aqui a expressão do filósofo e antropólogo David Bidney, empregada de referência à integração cultural. ("*By the 'teleofunctional integration of culture' I refer to the functional integration of the elements of culture for the purpose of achieving a given end, or objetive.*" (31))

No sentido de que a linguagem não pode deixar de ser encarada também como um fato cultural, compete-nos, sem dúvida, valorá-la e tentar orientá-la de modo adequado, como coroamento de nossas atitudes científicas em relação à mesma, atitudes essas que, apesar das bases normativistas, deverão exercer-se sempre em consonância com a realidade lingüístico-cultural. (32) E não será, decerto, buscando a positividade e a racionalidade axiomática do *método* — "núcleo supremo e motor essencial" das cogitações científicas no plano lógico-matemático — que chegaremos ao conhecimento dessa realidade, a *explicar* essa realidade, que deve ser objetivo primacial em nosso campo de estudos.

A propósito, já o acentuara devidamente H-J. Barraud: "... se é verdade que o simbolismo científico constitui o elemento primordial do progresso, graças à sua eficácia metodológica e técnica, contudo, esse progresso é limitativo sob o prisma da realidade qualitativa..." (33) Para o autor citado, o ponto de vista do estruturalismo em geral, de certos ângulos de apreciação, se inscreve na mesma perspectiva do lógico formalista. (34) E mais explícito se torna ainda quando declara que, embora reconheça as divergências dos procedimentos estruturalistas com respeito aos do matemático, entre eles não há negar dupla analogia: a) ao nível do método, um laço *a priori,* que equivale a uma identificação entre o método e a teoria; b) de ordem conceptual (considerada essencialmente equívoca) — "a análise estruturalista opera no abstrato como a análise matemática e, por conseguinte, deixa à margem a considerável soma de elementos concretos não analisáveis, de ordem psico-biológica, que *preordenam* as estruturas". (35)

NOTAS

1) López Morales toma como pontos de referência para uma abordagem da lingüística moderna as idéias expressas nas seguintes obras: *Cours de Linguistique Générale,* de F. de Saussure; *Language,* de L. Bloomfield; *Prolegomena to a theory of language,* de L. Hjelmslew, e *Aspects of the theory of sintax,* de N. Chomsky. V. López Morales, H. — "Hacia un concepto de la sociolingüística" — In *Estudios Sociolingüísticos* — Universidad Nacional Autónoma de México — Imprenta Universitária — México, 1978 — p. 27 e segs.
2) Volochinov, V. N. — *Marxism and the philosophy of language* — Seminar Press Inc. — Berkeley Square House — Londres, 1973 (tradução do russo). Ap. Marcellesi, H-B. e Gardin, B. — *Introdução à sociolingüística* — Ed. Aster — Lisboa, 1975 — p. 108, 109 e segs. (Trad. port.).
3) Marcellesi, J-B e Gardin, B. — *Op. cit.* — p. 109.
4) *Id. Ib.* — p. 111.
5) *Id. Ib.* — p. 119 e segs.
6) *Id. Ib.* — p. 119 e 120.
7) Mounin, G. — *La linguistique du XXe siècle* — Presses Universitaires de France — Paris, 1972. V. o Capítulo intitulado "Noam Chomsky".
8) *Id. Ib.* — Cap. cit.
9) *Id. Ib.* — *Loc. cit.*
10) *Id. Ib.* — *Loc. cit.*
11) *Id. Ib.* — *Loc. cit.*
12) *Id. Ib.* — *Loc. cit.*
13) *Id. Ib.* — *Loc. cit.*
14) *Id. Ib.* — *Loc. cit.*
15) Coseriu, E. — *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje* — Gredos, Madrid, 1977 — p. 358 e 359 — nota 177 (ao pé das p. cits.).
16) Coseriu, E. — *Princípios de semántica estructural* — Gredos — Madrid, 1977 — p. 165 e 168.
17) *Id. Ib.* — p. 165.
18) *Id. Ib.* — p. 167.
19) *Id. Ib.* — p. 168. Dignas de nota são as considerações que, a respeito, formula H. Geckeler, discípulo de Coseriu, em sua obra *Semántica estructural y teoría del campo léxico* — Gredos — Madrid, 1976 (trad. do alemão). Transcrevemos um passo significativo: "Uma das faltas graves da GT, e com isso também da semântica de KF, está na não consideração do plano funcional da língua, ao ignorar seu eixo paradigmático e, com isso, as oposições funcionais." (P. 277.)
20) Coseriu, E. *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje* — cit. — p. 183 (nota 24).
21) É a seguinte a definição de A. Lalande, a que nos reportamos: *epistemologia* "é essencialmente o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos

resultados das diversas ciências, destinado a determinar sua origem lógica (não psicológica), seu valor e seu alcance objetivo". (*Vocabulaire technique et critique de la philosophie* — Paris, 1960 — p. 293.) V. ainda Barraud, H-J. — *Science et philosophie* — Editions Nauwelaerts — Louvain, 1968. Nesse livro, o autor, estabelecendo a diferença entre a *epistemologia* e a *filosofia das ciências,* ao afirmar mesmo que elas não se confundem, considera que a primeira, de certo modo, não é mais do que "o fundamento experimental da filosofia", e que ela corresponde, se quisermos, a uma "crítica objetiva da informação". Citamos aqui da trad. espanhola — *Ciencia y filosofía* — Gredos — Madrid, 1971 — p. 39.

22) Northrop, F. S. C. — *Man, nature and god* — Pocket Books Inc. — New York, 1963 — p. 74-91. O capítulo é intitulado "Korzybski's Semantic and mathematical physics". Num encontro com o Príncipe e sábio polonês, Northrop ouviu-o declarar-se em acordo com as suas idéias e a sua terminologia, expostas na obra *Logic of the sciences and the humanities.* E refere que o europeu acrescentou "that is impossible to clarify conceptual meaning without paying attention to epistemology and the different types of concepts to which the different epistemologycal ways of knowing give rise". (*Op. cit.* — p. 79.)

23) Northrop, F. S. C. — *Op. cit.* — *loc. cit.*

24) *Id. Ib.* — *loc. cit.*

25) Rougier, L. — *La Métaphysique et le langage* — Flamarion — Paris, 1960 — p. 19 e segs. Mostra-nos então o autor francês, entre outras lúcidas asserções, que, enquanto nas ciências formais, nas teorias puramente dedutivas, "la question de sens et la question de la vérité formelle ne font qu'un", nas ciências do real, "a questão do sentido e a questão da verdade são distintas". (P. 22 e 23.)

26) *Id. Ib.* — p. 19.

27) Coseriu, E. — *Sistema, norma y habla* — Montevidéu, 1952 — p. 56. (Reimpresso em *teoría del languaje y lingüística general* — Gredos — Madrid, 1962.)

28) *Id. Ib.* — p. 55, 59-60. Transcrevemos, ainda, estas expressões de Coseriu, que nos parecem significativas: "Ao nosso entender, a Lingüística, mais do que outras ciências, pela natureza mesma do seu objeto, deve mover-se constantemente entre os dois pólos opostos do concreto e do abstrato: subir da comprovação empírica dos fenômenos concretos à abstração de formas ideais e sistemáticas e logo volver aos fenômenos concretos, enriquecida pelos conhecimentos gerais adquiridos na operação abstrativa. O importante é que não se conforme com a abstração e não se fique nela, porque a íntima compreensão da realidade da linguagem, só poderá alcançar-se nesse momento de volta ao concreto." (*Op. cit.* — p. 4.) V., a propósito do lingüista romeno, o artigo de nossa autoria — "Um pensador da linguagem" — In *Revista de Portugal* — vol. XXV — Lisboa, 1960, em que encontramos nas raízes metodológicas de Coseriu

indícios de um aristotelismo, talvez aquele que — no dizer de Barraud — "transposto sistematicamente ao movimento geral do pensamento contemporâneo comporta um prudente retorno das mais sérias investigações, em nossa época, como a da 'significação justa da forma total', das estruturas qualitativas, de suas propriedades quantificáveis, da energia 'vivente' e dos conceitos derivados". (*Op. cit.* — p. 335.)

29) Northrop, F. S. C. — *Op. cit.* — p. 90.

30) Dell Hymes — "The scope of sociolinguistics — In *23 d. Annual Round Table — Sociolinguistics — Current Trends and Prospects* — Georgetown University — Washington, 1972 — p. 324.

31) Bidney, D. — *Theoretical anthropology* — Columbia University Press — 3.ª ed. — New York, 1960 — p. 394-395.

32) Seraine, F. — "Normativismo cultural e ideal lingüístico" — In *Actas de la Primera Reunión Latinoamemricana de Lingüística y de Filologia* — Instituto Caro y Cuervo — Bogotá, 1973 — p. 372-395.

33) Barraud, H. J. — *Op.* cit. — p. 90 e *passim.*

34) *Id. Ib.* — p. 82. Nesse passo, Barraud, depois de alguns comentários críticos ao positivismo lógico, em particular à formalização da linguagem, tanto do ponto de vista semântico, como do sintático, estabelece comparação com o estruturalismo, no qual "numerosos filósofos reprovam que se elude o elemento principal da significação, ao descuidar o problema da relação significante — significado e, por conseguinte, se isola, em certo modo, ao homem, com respeito ao sentido das palavras que, não obstante, ele próprio inventou". (P. 81.)

35) *Id. Ib.* — p. 82.